



**FIERGS**

# INFORME ECONÔMICO

Ano 20 • Número 44 • 05 de novembro de 2018

**Expectativas sustentam a confiança da indústria gaúcha**

---

**Produção industrial brasileira cai pelo terceiro mês consecutivo**

---

**Após três altas seguidas, indústria gaúcha caiu em setembro**

---

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Expectativas sustentam a confiança da indústria gaúcha

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) subiu 1,0 ponto em outubro ante setembro, alcançando 54,9 pontos. Este patamar indica confiança, mas ainda abaixo do nível de maio (56,6 pontos), antes da crise dos caminhoneiros.

O ICEI/RS, divulgado pela FIERGS, expressa a opinião dos empresários gaúchos sobre as condições atuais da economia brasileira e das próprias empresas, bem como suas expectativas, visando identificar antecipadamente mudanças de tendência na atividade do setor no estado. Empresários confiantes tendem a aumentar o investimento e a produção. Os indicadores vão de zero a 100, e 50 é o ponto neutro.

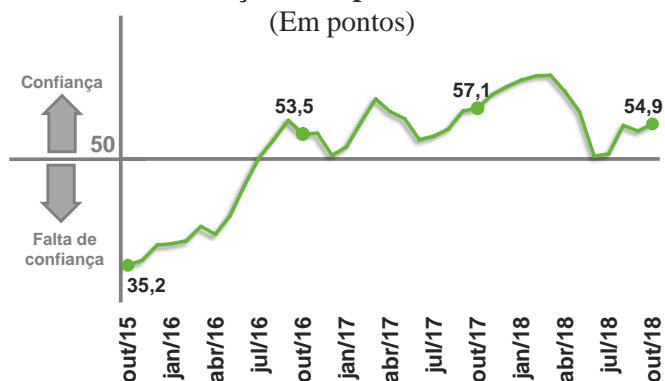
O Índice de Condições Atuais (ICA) caiu 1,6 ponto entre setembro e outubro, para 47,2 pontos. Abaixo dos 50 pontos, indica condições piores. A queda no mês foi influenciada, principalmente, pelo Índice de Condições Atuais das Empresas (ICA-E), que recuou 2,3 pontos, para 49,7, saindo do campo positivo para o neutro (praticamente sobre a linha dos 50 pontos). A avaliação negativa segue sendo mais intensa para a economia brasileira, cujo índice caiu 1,6 pontos, atingindo 42,8 pontos e está abaixo dos 50 desde junho de 2018.

Com 58,7 pontos, 2,2 pontos a mais do que o mês anterior, o Índice de Expectativas (IE) de outubro revelou, acima dos 50 pontos, um aumento no otimismo dos empresários gaúchos para os próximos seis meses. O subcomponente que mede as expectativas para

economia brasileira registrou o maior crescimento em relação ao mês anterior, passando de 50,4 para 54,5 pontos no período. No entanto, o maior nível é registrado no subcomponente relativo ao futuro das próprias empresas, que subiu 60,0 para 61,1 pontos.

A confiança da indústria gaúcha nos últimos cinco meses vem sendo determinada exclusivamente pelas expectativas, que mostram um descolamento das condições atuais, recorrentemente negativas. Isso significa que apesar das dificuldades (crise dos caminhoneiros, setor externo mais difícil, crise argentina, o desemprego e a instabilidade do câmbio) os empresários projetam um cenário melhor. Há motivos para isso. Passado o primeiro turno das eleições, a incerteza política deve diminuir, mantendo a perspectiva de estabilidade econômica, de ajuste fiscal e a aprovação das reformas.

### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS



Fonte: FIERGS.

## Produção industrial brasileira cai pelo terceiro mês consecutivo

Em setembro, a indústria brasileira voltou a mostrar menor ritmo produtivo. Segundo o IBGE, a produção caiu 1,8% frente ao mês imediatamente anterior (na série com ajuste sazonal), a terceira taxa negativa seguida nessa base de comparação. A queda foi disseminada. Todas as grandes categorias econômicas tiveram taxas negativas em setembro, com destaque para a produção de bens de consumo duráveis, que recuou 2,1% frente a agosto desse ano.

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a produção caiu 2,0%, puxada pelo segmento de Transformação (-2,3%). Esse foi apenas o segundo mês no ano em que houve variação negativa nessa base de comparação, o que evidencia ainda mais a desaceleração da produção em setembro. O outro foi o mês de maio, marcado pela greve dos caminhoneiros. Entre as atividades, Alimentos (-11,8%) e Bebidas (-12,2%) foram os destaques negativos, enquanto Fármacos (22,8%) e Metalurgia (9,0%) foram as principais variações positivas em relação a setembro de 2017.

Analisando a produção no terceiro trimestre fechado (julho a setembro), observou-se 1,2% de crescimento frente ao mesmo trimestre de 2017 e 2,7% de aumento frente ao segundo trimestre de 2018. Em ambas as

estatísticas pesam as bases de comparação bastante comprimidas.

Com isso, a taxa de crescimento da produção industrial em 2018 desacelerou de 2,4% em agosto para 1,9% em setembro, a segunda retração consecutiva nessa taxa. Entre os segmentos que apresentaram crescimento nessa base, Veículos (16,5%) e Informática (8,0%) foram os que tiveram as maiores variações. No campo negativo, Couro e calçados (-4,3%) e Alimentos (-4,0%) tiveram as piores quedas.

Em síntese, houve uma desaceleração na produção industrial brasileira nos últimos meses, que se acentuou em setembro. Isso se expressa tanto pela terceira queda consecutiva e disseminada entre as categorias na margem quanto pela taxa negativa contra o mesmo mês de 2017. Além disso, no dado dessazonalizado, nota-se que a produção de setembro foi 3,6% menor que o nível observado em dezembro de 2017.

É provável que as incertezas do processo eleitoral e a corrida do dólar tenham influenciado na baixa produção em setembro. Espera-se, por isso, que a definição dos governos possibilite um horizonte de planejamento mais claro para as empresas, melhorando o ritmo de crescimento nos próximos meses.

## Após três altas seguidas, indústria gaúcha caiu em setembro

A Sondagem Industrial do RS mostrou que, depois de três meses de crescimento, a atividade industrial gaúcha voltou a cair em setembro. O resultado é previsto para o mês, e não altera o cenário de recuperação em curso.

Divulgada mensalmente pela FIERGS, a Sondagem tem como objetivo identificar a tendência passada e futura do setor ao avaliar a conjuntura atual, os estoques, a situação financeira e os principais problemas enfrentados pelas empresas, bem como as expectativas dos empresários.

O indicador de produção ficou em 46,4 pontos no mês, abaixo dos 50 pontos, o que significa queda ante agosto, quando foi de 56,6. Da mesma forma, o indicador de emprego passou de 50,9 para 49,1 pontos. As quedas da produção e do emprego são comuns em setembro. As médias históricas dos indicadores no mês são de 46,0 e 47,6 pontos, respectivamente.

Reflexo da redução da produção, a ociosidade das indústrias do estado aumentou em setembro. A utilização da capacidade instalada (UCI) caiu para 68,0%, dois p.p. abaixo de agosto e da média do mês. Já o indicador de UCI em relação ao nível usual ficou em 41,7 pontos. Abaixo dos 50 pontos, o indicador revela que a indústria, na avaliação dos empresários, operou com capacidade inferior ao normal para o mês de setembro, mais distante do que havia operado no mês anterior (46,9 pontos).

Nesse cenário de menor atividade, a indústria gaúcha acumulou estoques indesejados. De fato, o índice que mede os estoques em relação ao planejado subiu de 51,0 em agosto para 52,0 pontos em setembro. Acima dos 50 pontos, o valor denota estoques acima do nível planejado pelas empresas.

Os indicadores de condições financeiras, tema abordado trimestralmente, apontaram insatisfação (abaixo dos 50 pontos) das empresas com a margem de lucro operacional e com a situação financeira, ficando em 40,4 e 46,3 pontos, respectivamente (39,3 e 47,5 no trimestre anterior). Paralelamente, as indústrias gaúchas enfrentaram intensa alta dos preços das matérias-primas e grande dificuldade de acesso ao crédito: os indicadores ficaram, respectivamente, em 72,4 e 39,2 pontos (73,6 e 38,8 no trimestre anterior). Acima dos 50 pontos, no primeiro caso, o valor indica alta, enquanto que, abaixo dessa marca, no segundo, acesso difícil.

A Sondagem do terceiro trimestre de 2018 também questionou as empresas sobre as principais dificuldades encontradas. Os resultados, divulgados em percentuais de respostas, mostraram que a carga tributária continua sendo o grande entrave da indústria gaúcha, e sua importância aumentou em relação ao trimestre anterior: passando de 36,6% para 43,7% das respostas.

Um ponto preocupante é a ascensão da falta de demanda interna, cujo percentual de respostas subiu de

30,3% para 34,2%, sendo considerado o segundo maior obstáculo do trimestre.

Em terceiro lugar, a falta ou o alto custo da matéria-prima foi assinalada por um terço das empresas, 3,0 p.p. a mais do que no trimestre anterior.

Na sequência, a expansão do percentual de assinalações da taxa de câmbio de 25,6% para 32,0% na passagem trimestral, tem como causa, principalmente, a sua instabilidade.

Em torno de 16,0% das respostas, a falta ou o alto custo da energia, as dificuldades de logística de transporte e a inadimplência dos clientes completam o *ranking* dos principais problemas que, na opinião dos empresários, limitam atualmente a retomada da indústria gaúcha.

Com relação aos próximos meses, as expectativas dos empresários gaúchos ficaram menos otimistas em outubro do que estavam em setembro. Resultados acima de 50 pontos indicam perspectivas de crescimento; abaixo, de queda.

O indicador que mede a demanda futura caiu de 57,5 para 55,2 pontos no período. O mesmo comportamento foi observado pelos indicadores de compras de matérias-primas (de 54,4 para 53,2 pontos) e de quantidade exportada (de 53,4 para 52,5 pontos). Já para o emprego, os empresários gaúchos voltaram a projetar queda nos próximos seis meses: o indicador caiu de 50,6 para 49,3 pontos.

Nesse cenário, o índice de intenção de investimentos (em máquinas e equipamentos, construção, pesquisa e desenvolvimento, inovação de produto ou processo) foi outro que mostrou redução, passando de 51,5 para 47,4 pontos entre setembro e outubro. Em setembro, 50,9% das empresas pretendiam investir nos seis meses seguintes, percentual que caiu para 47,3% em outubro.

### Problemas enfrentados pela indústria gaúcha

(em percentual de respostas)

	2º trim./2018	3º trim./2018
Elevada carga tributária	36,6%	43,7%
Demanda interna insuficiente	30,3%	34,2%
Falta ou alto custo da matéria prima	30,3%	33,3%
Taxa de câmbio	25,6%	32,0%
Falta ou alto custo de energia	12,2%	16,9%
Dificuldades na logística de transporte	26,9%	16,5%
Inadimplência dos clientes	14,3%	16,0%
Falta de capital de giro	15,6%	14,7%
Competição desleal	14,3%	14,3%
Taxas de juros elevadas	13,0%	12,6%
Burocracia excessiva	10,1%	10,8%
Demanda externa insuficiente	10,9%	8,7%
Insegurança jurídica	5,0%	8,2%
Competição com importados	8,4%	4,8%
Falta de financiamento de longo prazo	6,7%	3,9%
Falta ou alto custo de trabalhador qualificado	2,9%	3,0%
Outros	6,3%	2,2%
Nenhum	2,5%	0,0%

Fonte: FIERGS